



3382 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

AS CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY E SMOLKA PARA O ENSINO INICIAL DA LEITURA E DA ESCRITA

Cristiane Dias Santos Delmondes da Silva - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Bárbara Cortella Pereira de Oliveira - UNESP - Marília / FFC - Universidade Estadual Paulista

Neste texto apresentam-se resultados de uma pesquisa de mestrado em andamento mediante uma investigação bibliográfica e documental onde buscou-se apresentar algumas dentre tantas contribuições de Vygotsky para a compreensão de um novo olhar para o processo de ensino-aprendizagem da linguagem e da alfabetização como um processo discursivo, defendida pioneiramente pela professora Ana Luiza Smolka (UNICAMP). A partir do estudo do pensamento desses dois teóricos constatou-se que o processo de interação entre os pares (crianças-crianças), os parceiros mais experientes (professora-criança), e os artefatos culturais mediados por uma relação dialógica contribuem para a produção de sentidos no ensino inicial da leitura e da escrita, assim como o desenvolvimento da oralidade como um aspecto necessário para o processo de alfabetização, o papel da linguagem escrita para além de uma prática copista e de desempenhos manuais.

Palavras-chaves: Alfabetização como processo discursivo. Linguagem oral e Escrita. Teoria Histórico-Cultural. Vygotsky. Ana Luiza Smolka.

INTRODUÇÃO

A abordagem sócio-histórica de Vygotsky¹ e a alfabetização como processo discursivo proposta pioneiramente por Ana Luiza Smolka² nos auxiliam a melhor compreender o processo de alfabetização não simplesmente como ler e escrever, mas perceber que estes processos são uma apropriação por parte da criança de uma forma de linguagem e de interação que são atividades de um trabalho simbólico que vem rompendo com algumas concepções que não consideravam como um fator importante para o desenvolvimento os conhecimentos prévios das crianças, as relações sociais estabelecidas por elas e a influência do ambiente e da cultura sobre o indivíduo.

A proposta deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre a abordagem histórico cultural proposta por Vygotsky e a teoria de Smolka sobre a alfabetização como um processo discursivo, tencionando um novo olhar para o processo de alfabetização que não se dá isolado a historicidade desta criança que ao nascer já está imersa em um mundo socializado vivenciando processos de transformações culturais, superando o pensamento de Comenius (1966) de que a criança é uma 'tábula rasa', cabendo ao professor o papel de transmissor dos conhecimentos necessários para uma boa convivência destes alunos na sociedade. Para Vygotsky (2007) é preciso ensinar às crianças a linguagem escrita e não a escrita das letras.

Diante disso abordaremos o desenvolvimento da oralidade como um aspecto necessário para o processo de alfabetização, o papel da linguagem escrita para além de uma prática copista e de desempenhos manuais, e a função do professor como mediador das interações tanto entre os alunos quando dos alunos com o conhecimento e a sociedade.

A metodologia utilizada para o referido trabalho é a pesquisa bibliográfica e documental, pois segundo

Fachin (2006), é por excelência uma fonte inesgotável de informações, pois auxilia na atividade intelectual e contribui para o conhecimento cultural em todas as formas do saber.

Mortatti (1999, p. 73) propõe o conceito do que seja o fazer histórico:

[...] caracteriza-se como um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico-metodológico, na abordagem histórica - no tempo - do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação.

Que contribuirá desta maneira para uma discussão que propõe a analisar a configuração textual da tese de doutorado de Smolka, de acordo com um método de análise, o qual decorre do conceito de configuração textual, apresentado como o:

[...] conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais referem-se: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (MORTATTI, 2000, p. 31).

Para tanto, neste texto apresento resultados parciais de alguns aspectos da análise da configuração textual da referida tese, compreendendo a sua proposta teórica metodológica e suas contribuições para a alfabetização no Brasil e no Mato Grosso através de uma abordagem em que esta prática se dê através de um processo discursivo onde não se ensina a ler e a escrever, mas possibilita à criança a apropriação de um tipo de linguagem que se dá através da interação e da interlocução.

1. ALFABETIZAÇÃO COMO UM PROCESSO DISCURSIVO

Compreender a alfabetização como um processo discurso passou a ser pensando no Brasil, e em específico na cidade de Campinas – SP, pela professora Ana Luiza Smolka que começou a pesquisar em escolas públicas da região a partir dos anos de 1980 com o intuito de “investigar os processos e estratégias que as crianças na faixa pré-escolar utilizavam para interpretar a escrita no meio em que viviam, e identificar conceitos que o pré-escolar desenvolve a respeito desse tipo de linguagem antes do início de uma instrução formal.” (SMOLKA, 2012, p.21). O resultado dessas pesquisas culminou em sua tese de doutorado defendida em 1987 como o título *Alfabetização como processo discursivo*, e em 1988 foi publicada em formato de livro intitulada *A Criança na Fase Inicial da Escrita: a alfabetização como um processo discursivo*.

Dada a relevância científica dessa tese e seu impacto social e metodológico para o campo da alfabetização, apresento a análise da configuração textual (MORTATTI, 2000) a fim de compreender como essa teoria tem circulado no Brasil, pois embora tenha sido postulada há mais de 30 anos ainda são poucas as pesquisas de mestrado e doutorado que utilizam Smolka como referencial teórico-metodológico em suas práticas pedagógicas para o ensino inicial da alfabetização de crianças, no Brasil e em Mato Grosso (OLIVEIRA; ARAÚJO; COENGA, 2018).

Através da linguagem verbal podemos criar, compor e recompor tanto a realidade quanto a nós mesmo, e ela é o sistema simbólico dos grupos humanos, ou seja sua marca que os diferencia dos animais, podendo ser utilizada em diferentes formas. Segundo Brasil

[...] a modalidade oral quanto a modalidade escrita nos formam e encorpam de variadas maneiras, sendo utilizadas de diferentes modos também. Isso acontece com todas as pessoas de uma sociedade letrada como a brasileira, mesmo com aqueles que não são alfabetizados ou que estiveram por pouco tempo na escola. (BRASIL, 2016, p. 45)

Portanto fazer uso da linguagem escrita é tornar-se participante da cultura do escrito mesmo antes de ser plenamente alfabetizado, para isso é importante que se reconheça que a escrita não pode ser trabalhada nas escolas de forma isolada, mas de maneira significativa para as crianças, de modo que as mesmas percebam que nela, na linguagem escrita existe uma função social que expressam suas formas de comunicação. Desta maneira Smolka afirma que “ A escola ensina palavras isoladas e frases sem sentido, e não trabalha com as crianças no ano escolar da alfabetização o “fluir do significado”, a estruturação deliberada do discurso interior pela escritura.” (SMOLKA, 2012, p.95).

Entender a alfabetização como um processo discursivo é ampliar as possibilidades da língua que vai além da categoria de codificar e decodificar. Diante disso Vygotsky afirma que:

Não se pode negar a possibilidade de ensinar a criança em idade pré escolar a leitura e escrita, muito pelo contrário, pensa-se que é desejável ensiná-las a ler e a escrever, no entanto é importante que esse ensino seja organizado de forma que essa prática não se restrinja a saudações e palavras vazias de significados, e que esta escrita desempenhe uma tarefa relevante para a vida, não se limitando apenas ao desempenho de habilidades manuais, mas de uma atividade complexa de linguagem. (VYGOTSKY, 2007, p. 145)

Envolver as crianças em práticas que desenvolvam a linguagem escrita é compreender que este é um processo complexo e contínuo onde o pensamento é transformado em signos. Para Vygotsky (2007) as ideias são expressas através das palavras, e que estas seriam a matéria prima do pensamento. Para o autor os gestos são como a escrita feita no ar e os signos escritos são aqueles que foram registrados. Portanto, a representação simbólica da realidade segue um percurso constante e crescente tendo o diálogo como fundamento que permanece desde a criança até o adulto, constituindo-se desta maneira a essência simbólica da realidade. E esta percepção é um dos princípios da abordagem histórico-cultural em que os pensamentos transformados em gestos tornar-se-ão no futuro da escrita.

2. A ORALIDADE COMO PRÁTICA DE APROPRIAÇÃO DOS SABERES

Um aspecto relevante para um processo de alfabetização bem sucedido é a utilização de recursos que possibilitem o desenvolvimento da oralidade entre as crianças, pois esta é uma prática realizada pelo ser humano desde o seu nascimento devido a necessidade de se comunicar com algo ou alguém. Diante disso, Smolka e Góes (1993) afirmam que:

[...] como a palavra é tecida com a própria ação; como as mais importantes características estruturais da operação prática intelectual estão marcadas e refletidas nelas; e como a palavra guia e dirige, de fora, a ação da criança, subordinando uma ação a uma intenção, a um plano, e transformando o nível dessa ação. (SMOLKA; GÓES, 1993, p. 36)

Com base nos estudos de Vygotsky sobre a fala exterior que é esta fala para o outro que instrumentaliza a mediação entre os saberes desta criança com os seus coetâneos e com o meio em que vive Smolka e Góes (1993) vão dizer que este falar para o outro não é apenas uma forma de mediação, mas que assume um papel necessário de comunicação onde ao mesmo tempo em que se comunicam acontece um processo intelectual/ regulador entre a criança e o outro onde ambos podem fazer uma reflexão sobre esta ação. E este pensar como as palavras que são os significados sendo verbalizados resultam em um aspecto objetivo e reflexivo que é o pensar sobre as palavras.

Diante disso, por compreender a importância desse aspecto dialógico da fala Bortoni-Ricardo considera que:

[...] expandir as práticas da oralidade é fornecer a criança o direito de se apropriar de um instrumento fundamental não apenas para a vida escolar mas também para o seu convívio social. E que é de responsabilidade da escola tornar acessível que as competências comunicativas sejam ampliadas, de forma que as crianças se apropriem dos recursos que são indispensáveis para que elas se desenvolvam com segurança as mais diferentes tarefas linguísticas. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 74)

Nesta perspectiva cabe ao professor romper com um modelo antigo, mas ainda tão presente nas unidades escolares onde a cultura do silêncio é mantida como um pressuposto de que o conhecimento esteja sendo apropriado pelos alunos. Para Vygotsky (2007) “a fala da criança é tão importante quanto a ação de atingir um objetivo”, pois antes mesmo de lerem as palavras, eles precisam ler o mundo que a cerca. Dar voz à criança no sentido de ouvi-la é valorizar esta escuta, abrindo a sala de aula para que esta seja um espaço que privilegie as trocas de saberes e vivências, possibilitando ver o mundo como ela a vê, e compreender os significados a ele atribuídos. Desta maneira Bakhtin afirma que:

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formatação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 2003, p. 373).

Outro aspecto a ser considerado no tocante a oralidade é que ela estabelece uma nova maneira de organizar os pensamentos e ações. Nessa perspectiva Vygotsky (2007) considera que antes mesmo da criança utilizar a fala para controlar seu próprio comportamento, ela o faz para controlar o ambiente em que está inserida. Isso produz uma nova relação com os ambientes além de organizar novas formas do seu comportamento. Assim que, o momento de maior significado para o desenvolvimento intelectual que dá origem as formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata acontece quando a fala e a atividade prática que são linhas independentes se encontram, pois a fala e a ação compõe uma função psicológica complexa que conduz a resolução de um problema. Portanto expandir a prática da

oralidade entre as crianças é ampliar as suas possibilidades para além do acesso e permanência e a um mundo letrado, mas proporcionar a cada uma delas a oportunidade de ter experiências significativas ao ouvir os outros e a si mesmo, e serem transformados pela confluência dos enunciados..

3. A INTERAÇÃO COMO O ESPAÇO DAS TROCAS

Na perspectiva sócio-histórica o aprendizado da criança não se dá apenas no ambiente escolar, mas leva em consideração suas vivências e experiências com os outros e consigo mesma, tornando-se um grande desafio para o professor que precisa compreender que o processo da educação sistemática, ou seja, aquela que acontece nas instituições escolares não deve limitar-se à transmissão de conteúdos, mas o de assumir o papel de mediador que fará a ponte das crianças entre si e com o conhecimento. Neste sentido Smolka vai dizer que:

[...] o lugar em que o professor se coloca (e é colocado), ele se apodera (e não se apropria) do conhecimento; pensa que o possui e pensa que sua tarefa é precisamente dar o conhecimento à criança. O aprendizado fica condicionado à transmissão do conhecimento do professor. (SMOLKA, 2012, p.38-39).

A interação é o espaço que propicia o encontro entre as vivências e a troca das experiências, apontando para um caminho de possibilidades entre o ser e o devir a ser. Desta maneira o homem se desenvolve e é instrumento para o desenvolvimento de outros, como afirma Elias (1994), que enquanto seres incompletos nos completamos nas relações com outro.

E a esses espaços de troca onde acontecem o desenvolvimento Vygotsky denomina-os de zonas de desenvolvimento, entre elas está a zona do desenvolvimento proximal que é a distancia entre a zona do desenvolvimento real que se caracteriza por ser um espaço onde as tomadas de decisões são realizadas de forma autônoma pela criança, e a zona do desenvolvimento potencial que é determinada por soluções de problemas feitas sob a inspeção e/ou mediação de companheiros mais experientes. Vygotsky traz a definição da zona do desenvolvimento proximal como:

[...] aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de "brotos" ou "flores" do desenvolvimento, ao invés de "frutos" do desenvolvimento. (VYGOTSKY, 2007, p.98)

Portanto, a compreensão dessas teorias poderão ser utilizadas como ferramentas eficazes para o processo de ensino aprendizagem, pois através desses conceitos aumentam-se de forma significativa o uso de metodologias que poderão servir de base e auxiliar no diagnóstico de um determinado problema no desenvolvimento mental da criança ou problemas de cunho educacional, capacitando o professor a compreender que, pra que haja um bom desenvolvimento faz-se necessário um bom aprendizado. Pois historicamente jamais se considerou que o que a criança faz com a ajuda de um outro mais experiente poderia sinalizar algo que em breve ela fará sozinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a alfabetização como um processo discursivo é em muitos aspectos percorrer por um novo caminho onde as palavras soltas e descontextualizadas ditadas pelos professores no tradicional método da correspondência grafema-fonema são superadas através de um novo processo metodológico proposto por Smolka (2012), que pensa o processo discursivo como uma possibilidade de interlocução de maneira que as crianças escrevam o que o pensam, o que querem dizer, narraram as suas histórias que são porções da sua "fala interior", que é sempre um diálogo consigo mesmo e com o outro.

E este é um fazer pedagógico que de fato contribuirá como um aspecto significativo para a alfabetização, onde permite-se que as crianças falem para si e para os outros, pois são através destas conversas que elas revelam seus conceitos, valores e concepções acerca do mundo em que vivem, tornando a escrita mais que mera cópia ou reprodução de palavras soltas, mas uma forma de interação consigo e com os outros.

E estes são aspectos que tornam-se fatores imprescindíveis diferenciando essa abordagem das demais, principalmente a mais vigente que é a corrente psicogenética onde as marcas biológicas definem um momento aproximado de se ensinar determinado conteúdo a criança. Nessa abordagem admite-se que o desenvolvimento seja sempre um pré-requisito para o aprendizado, e que este determina as funções mentais de uma criança que precisa estar maduras para que ela seja capaz de aprender determinados conteúdos, ao contrário, nenhum tipo de instrução terá utilidade, pois a criança

não está pronta para recebê-lo.

Diante disso, a teoria da Zona do Desenvolvimento Proximal dá um salto em relação a abordagem estruturalista sobre as fases do desenvolvimento, atribuindo um valor significativo as relações que a criança estabelece com o outro e com o ambiente, e que não há uma prontidão que sirva como um pré-requisito para o aprendizado, mas que a todo o momento pode-se expor as crianças aos mais variados saberes de maneira que elas se apropriem deles atribuindo-lhes significados.

REFERÊNCIAS

COMENIUS, João Amós. **Didactica Magna: Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos**. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Educação em Língua Maternal**. - São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL, **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil** práticas e interações / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016.

ELIAS, Norbert. 1897-1990 , **O processo civilizador I** 2.ed. Jungman; revisão e apresentação. Renato Janine Ribeiro. v.1 - 2.ed. -Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994 2v.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. Ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo/1876-1994. 1. ed. 2 remp. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da educação*. Pelotas, v. 6, p. 69-77, out. 1999.

SMOLKA ,Ana Luiza Bustamante, **A criança na fase inicial da escrita: Alfabetização como processo discursivo** – 13.ed – São Paulo:Cortez,2012.

SMOLKA, A.L. e GÓES, M.C, **A Linguagem e o outro no espaço escolar**, Campinas - SP:Ed. Papyrus,1993.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação social da Mente**. - São Paulo : Martins Fontes, 2007, 7ª.

¹ L.S .Vygotsky ganhou espaço na psicologia após a publicação da sua monografia *Pensamento e Linguagem* e do desenvolvimento da teoria histórico-cultural que tem a mediação como base dos processos psicológicos superiores .

² Ana Luiza Smolka - Trabalha nas áreas da Educação e da Psicologia, e tem realizado projetos de investigação relacionados aos seguintes temas: desenvolvimento humano, relações de ensino, práticas escolares, práticas discursivas, perspectiva histórico-cultural.